



JÁ É TEMPO DE
TIRAR OS
PROJECTOS DO
PAPEL

Conta até 10
6.000€ a 10.000€

TAN de 15,99 % o que corresponde a uma TAEG de 18,52%

Expresso

Edição 1806 de 09.06.2007

Login / Registo

A herança do nuclear - Rui Rosa Rui Rosa

OK

powered by Google

Página Inicial

Edição Premium

Blogues

Opinião

Cartaz

BCBM

Emprego

Imobiliário

Loja Expresso

RSS

Soundbite

Podcast

Página Inicial « Edição Premium

EDIÇÃO SEMANAL



Edição 1759

15.07.2006

1º Caderno

Economia

Única

Actual

Opinião

Edições Anteriores

Pesquisa



Lojas
internacionais

EDIÇÃO ONLINE

EXPRESSO ÁFRICA

EXPRESSO BCBM

CLUBE GOURMET

EXPRESSO CARTAZ

EXPRESSO EMPREGO

EXPRESSO IMOBILIÁRIO

GUIA DO ESTUDANTE

ASSINANTES

LOJA EXPRESSO

Semana

Breves

Últimas

Em off

A herança do nuclear

O físico Rui Rosa alerta para a «insensatez» que seria comprar uma central chave-na-mão

O CONHECIMENTO acumulado pela experiência da extinta Junta de Energia Nuclear (JEN, 1954-1979) corre o risco de se perder em definitivo. A história não deve ser apagada. «Os conhecimentos científicos e técnicos de algumas gerações de geólogos, químicos, físicos, engenheiros e operários técnicos dispersaram-se sem continuidade directa. Seria insensato adquirirmos uma central chave-na-mão. Ou estar sentado e ser surpreendido por um promotor ou investidor que se propõe instalar uma central nuclear como se fosse uma fábrica têxtil ou de calçado», afirma ao EXPRESSO Rui Namorado Rosa, 65 anos, director-adjunto do Centro de Geofísica de Évora. E prossegue: «Seria absurdo, também, ignorarmos os recursos nucleares que temos, ainda que modestos, e pura e simplesmente os exportarmos apenas, como sucedeu no passado». Rui Rosa é doutorado em Física de Plasmas pela Universidade de Oxford em 1969 e passou pela JEN em Sacavém e pelo Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI) em Lisboa. Desde 1983 que é catedrático de Física na Universidade de Évora.



Rui Rosa recorda o contributo da Junta de Energia Nuclear

Independentemente de se avançar para um projecto de instalação de uma central em Portugal, o físico de Évora é de opinião que se deveria reactivar esse «legado» de conhecimento científico e capacidade tecnológica. «É absurdo pensar que ficaremos de lado toda a vida a importar tudo de que teremos necessidade. Quanto mais cedo se derem os passos de reactivação desse conhecimento, mais longe poderemos chegar em competência de fabrico, operação, manutenção e segurança», sublinha.

O investigador recorda que a extinta JEN criou serviços e formou especialistas que poderiam ter assegurado uma continuidade histórica no apoio a diversas aplicações pacíficas da energia nuclear, incluindo a produção de radioisótopos. A política industrial e tecnológica portuguesa decidiu, no entanto, ao longo da década de 1970, sucessivamente nos dois regimes políticos, encerrar progressivamente o capítulo que abria nos anos 1950. «O nosso país possuía reservas de urânio significativas no plano europeu, durante quase um século exportara várias toneladas de urânio para os Estados Unidos, Inglaterra e França, até que a Empresa Nacional de Urânio foi extinta em 2001. Com ela encerrou, também, a instalação industrial de preparação de concentrado de óxido de urânio na Urgeirica», refere Rui Rosa. Aliás, a própria instalação piloto na JEN em que se produzia urânio metálico nuclearmente puro - com elevado valor acrescentado - fora encerrada em 1972, ainda no tempo da ditadura. «Portugal dispõe hoje de 7 mil toneladas de urânio, confirmadas, o que, grosso modo, permitiria alimentar um reactor nuclear de 1000 MW eléctricos durante 60 anos», adianta Rui Rosa. Apesar do renascimento do interesse pela opção nuclear, o investigador de Évora acha que é duvidosa uma «corrida» internacional à mineração de urânio em Portugal, pois são conhecidas reservas importantes em vários outros países com lavra activa. Mas conclui: «Seria sensato que houvesse uma retoma do esforço de prospecção e de avaliação de reservas de urânio e de outros materiais especiais particularmente utilizados na indústria nuclear. E é previsível que a mineração de urânio venha a ser retomada um dia em Portugal - ele está lá».

Jorge Nascimento Rodrigues

Enviar

Imprimir

Comentar

ABERTURA

Opinião

Sumário

- 90 anos da Boeing
- BPI é nº 1 na Europa
- Bruxelas diz que a GM não tem que devolver dinheiro
- Berardo compra 33% da Sogrape
- Fisco aperta empresas

- GM quis iludir Governo
- Cobre desafia Vulcano

- Negativa mas não muito

Contas à vista

- Jerónimo Martins quase polaca
- Falta capacidade de poupança adicional
- Açoreana reposiciona-se no mercado

Carlos Vasconcelos Cruz

- «Não guardo rancor»
- Berardo entra na Sogrape
- Contas dividem sócios da Vila Galé
- Agricultura de sucesso 'made in Portugal'
- Fuga para a Feira
- Têxteis nacionais estão mais confiantes

Laforêt desafia americanos

- Media & Publicidade
- Marcas rumam à praia
- Vodafone ecológica
- Lusa virada para o futuro
- Lei e auto-regulação unidas

Gestão e Tecnologia

- Biotecnologia sai do armário
- Cor impressiona
- O guru da empresa positiva
- O irlandês que fala com paixão
- Google aperta os oportunistas
- A mãe de todas as inovações
- A herança do nuclear